



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

SOJA E MILHO.....	2
TRIGO	2
BATATA.....	3
BOVINOS	4
FRANGOS	4
SUÍNOS	6
MEL	7

O panorama agropecuário do Paraná nesta semana é marcado pelo impacto das chuvas intensas no avanço dos trabalhos de campo e na qualidade das lavouras, ao mesmo tempo em que as exportações de proteínas e de mel sustentam bons desempenhos no comércio exterior. Sob a influência do fenômeno El Niño, o volume elevado de precipitações reduziu o ritmo do maquinário agrícola. O plantio da soja atingiu 39% da área prevista e o do milho alcançou 90%, percentuais que se situam aquém do patamar desejado pelos produtores, que buscavam acelerar os trabalhos.

Esse mesmo cenário de excesso de umidade atrasou a semeadura da primeira safra de batata 2026/27. Até o momento, foram semeados 67% da área estimada, frente à média histórica de 83% para o

período. A perspectiva inicial aponta queda de 11% na produção, somando 539,6 mil toneladas. O período de entressafra aliado à menor oferta refletiu-se em forte pressão nos preços ao consumidor, com elevação de 69,1% no varejo em setembro (média de R\$ 7,01/kg).

Nas culturas de inverno, a colheita do trigo sob chuvas frequentes segue comprometendo a qualidade do grão nas lavouras pendentes. O quadro indica novos rebaixamentos nas estimativas oficiais de produção do estado e mantém sustentadas as cotações do trigo de alta qualidade no mercado interno.

No setor pecuário, o levantamento do IBGE apontou ajustes no rebanho bovino e no plantel de vacas ordenhadas no estado, com o incremento na captação total de leite evidenciando ganhos contínuos de produtividade nas propriedades rurais. Por fim, no comércio exterior, o Paraná reforça seu protagonismo com crescimento expressivo no volume e na receita das exportações de carne de frango, trajetória acompanhada pelo ritmo aquecido dos embarques de carne suína e de mel.

Boa leitura!



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

SOJA E MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A safra de soja vinha apresentando um ritmo acelerado de plantio até a semana passada. Nesta semana, porém, o volume de chuvas reduziu o avanço dos trabalhos no campo. Ainda assim, o percentual plantado permanece alinhado ao observado nas últimas safras.

Nesta semana, o plantio da safra de soja 2026/27 atingiu 39% da área prevista, de pouco mais de 5,7 milhões de hectares. O percentual é igual ao registrado no mesmo período da safra anterior.

De maneira geral, o plantio começou em ritmo superior à média histórica. A preocupação dos produtores com os possíveis efeitos do El Niño contribuiu para acelerar os trabalhos, uma estratégia que se mostrou acertada diante do volume de chuvas registrado neste mês. Em algumas cidades, as precipitações acumuladas em outubro já ultrapassaram a média histórica para o mês inteiro. Esse cenário já se reflete na redução do ritmo de plantio, dificultando a continuidade das operações no campo.

Para o milho, o cenário é semelhante, embora a área cultivada seja significativamente menor em comparação à

da soja. Até o momento, o plantio atingiu 90% da área prevista para a safra, estimada em 371 mil hectares.

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A atualização desta semana do relatório de condições de tempo e cultivo rebaixou novamente a avaliação das lavouras de trigo. Na parcela de 182 mil hectares da área ainda a colher, as lavouras estão classificadas atualmente como 12% ruins, 42% médias e 46% boas. Na última estimativa de produção (referente a 21/09), quando se projetava uma queda de 10% na produtividade, os índices eram de 7% ruins, 29% médias e 64% boas, com 392 mil ha pendentes à época. Como agravante para o cenário, o avanço de colheita nos 210 mil (ha) nestas últimas semanas ocorreu sob chuvas frequentes, o que comprometeu a qualidade do grão até mesmo nas lavouras de médio e alto potencial. A previsão meteorológica indica a manutenção das chuvas no estado; contudo, pontuais janelas de tempo firme podem permitir o avanço da colheita, embora dificilmente sob condições ideais.

Essa degradação reflete os crescentes desafios do cultivo de cereais



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

de inverno no Paraná, levando os produtores a buscarem alternativas que permitam antecipar a colheita antes da chegada da primavera. Em anos de El Niño forte — a exemplo do ciclo atual —, a vulnerabilidade do setor se torna ainda mais crítica. A reestimativa de safra programada para o dia 29 de outubro deve confirmar uma redução ainda maior na produção de inverno paranaense, restringindo a oferta de trigo e de outros grãos em fase de colheita.

Os preços subiram 5% em setembro em reação à menor disponibilidade interna e mostraram estabilidade nesta primeira quinzena de outubro. Embora o cenário cambial e as cotações internacionais em queda pressionem o mercado para baixo, a escassez do trigo de alta qualidade segue sustentando as cotações no curto prazo.

BATATA

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

As chuvas intensas têm atrasado os plantios de batata da primeira safra 26/27, pois historicamente em uma média de 10 safras passadas deveríamos estar com 83% das lavouras semeadas nesta época do ano, no entanto até o momento estão no solo 67% da área prevista, correspondendo

a 10,8 mil hectares (ha) dos 16,2 mil ha estimados a serem cultivados.

A previsão inicial é de 539,6 mil toneladas (t) a serem colhidas, uma redução de 11% em relação a 566,2 mil t em 2025. A produtividade inicial proposta é 5% menor que a safra anterior, pois propõe-se 33,3 t/ha hoje frente às 33,6 t/ha do ano pretérito.

O preço médio mensal absorvido pelos produtores paranaenses em agosto último para a batata lisa foi de R\$ 37,00 pela saca de 25kg (R\$ 1,48/kg), uma redução de 35,9% frente aos R\$ 57,74 do mês anterior; em setembro não houve cotação, pois estamos em uma entressafra.

No atacado a saca de 25 kg da batata lisa comum especial lavada em setembro teve o preço praticado em R\$ 130,14 (R\$ 5,21/kg), um aumento substancial de 60,1% em relação aos R\$ 81,28/25kg (R\$ 3,25/kg) do mês anterior.

Nas gôndolas o varejo praticou preços de R\$ 7,01/Kg da batata lisa em setembro, uma elevação robusta de 69,1% em relação aos praticados em agosto que estavam em R\$ 4,15/kg, causando espécie nos consumidores finais.

Com as informações do tempo e do clima não favoráveis às atividades



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

agrícolas, cujas previsões sinalizam um período chuvoso até meados de dezembro sob a influência do fenômeno meteorológico El Niño, o campo trabalha com cautela, pois seu negócio é produzir alimentos em quantidade e qualidade satisfatórias para a população rural e urbana.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

A Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) de 2025, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciou reduções em diferentes rebanhos do Paraná em comparação com o ano anterior. O rebanho bovino, por exemplo, recuou de 8,6 milhões para 8,4 milhões de cabeças. As quedas também foram observadas nos rebanhos ovino e caprino, com reduções de 27 mil e 6 mil animais, respectivamente.

O número de vacas ordenhadas também apresentou variação no período. Segundo o IBGE, o Paraná passou de 1,12 milhão de animais em 2024 para aproximadamente 1,11 milhão em 2025. Considerando que a produção estadual de leite cresceu no mesmo período, esse resultado sugere ganhos de produtividade

por vaca, refletindo, entre outros fatores, a crescente especialização dos produtores paranaenses e a adoção de práticas que favorecem a eficiência produtiva.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

As exportações brasileiras de carne de frango registraram um desempenho expressivo entre janeiro e agosto de 2026, com crescimentos significativos tanto em volume quanto em receita cambial. De acordo com dados do Agrostat Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o faturamento total acumulado nos oito primeiros meses do ano atingiu US\$ 7,543 bilhões, o que representa uma alta de 22,8% em comparação aos US\$ 6,144 bilhões registrados em igual período de 2025. O volume total embarcado seguiu a mesma tendência de expansão, com um avanço de 16,5%, somando 3.815.020 toneladas contra 3.284.816 toneladas no ano anterior. Esse resultado positivo reflete a combinação do maior volume comercializado com a valorização de 5,7% nos preços médios praticados, que subiram de US\$ 1.870,71 para US\$ 1.977,14 por tonelada.



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

Analisando o desempenho isolado do mês de agosto, as empresas brasileiras exportaram 479.179 toneladas de carne de frango (incluindo produtos in natura e processados), volume 30,6% superior às 382.038 toneladas embarcadas em agosto de 2025. O faturamento mensal gerado por essas vendas somou US\$ 978,65 milhões, montante 25,4% maior do que os US\$ 681,35 milhões obtidos no mesmo mês do ano passado.

No detalhamento por tipo de produto comercializado no acumulado de janeiro a agosto, a carne in natura (composta por frangos inteiros e cortes) manteve a liderança absoluta, correspondendo a 88,9% do total exportado, ou 3.391.100 toneladas, o que representa uma alta de 16,3% frente às 2.916.559 toneladas de 2025. Os miúdos responderam por 8,9% das vendas externas (335.717 toneladas), enquanto os produtos industrializados somaram 2,3% (88.203 toneladas). A receita do segmento in natura avançou 22,2% no período, alcançando US\$ 6,720 bilhões, beneficiada pela elevação de 5,7% no preço médio da tonelada exportada.

Entre os estados exportadores, o Paraná manteve sua posição de liderança na-

cional em produção e embarques. De janeiro a agosto, o estado exportou 1.604.954 toneladas, um aumento de 20,4% em relação às 1.347.110 toneladas de 2025. A receita cambial paranaense atingiu US\$ 3,017 bilhões, crescimento de 23,5% frente aos US\$ 2,444 bilhões do mesmo período do ano anterior. Esse crescimento reflete o aumento do volume exportado e a elevação de 3,6% no preço médio obtido (US\$ 1.879,71/t). Do total embarcado pelo Paraná, 89,4% correspondeu a itens in natura (1.434.072 toneladas), com preço médio de US\$ 1.876,37 por tonelada (+3,9%). Somente no mês de agosto, o Paraná embarcou 200.585 toneladas (+26,4%), gerando US\$ 390,96 milhões em receita (+47,4%).

Os demais estados de destaque nas exportações totais acumuladas no ano foram Santa Catarina, com 866.638 toneladas (+14,5%) e alta de 29,1% no faturamento; Rio Grande do Sul, com 493.848 toneladas (+12,8%) e crescimento de 23,6% em receita; São Paulo, com 233.906 toneladas (+14,3%) e alta de 28,5% no faturamento; e Goiás, com 206.802 toneladas (+17,9%) e avanço de 24,4% na receita.

Em relação aos mercados de destino, a China liderou o ranking de compras



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

entre janeiro e agosto de 2026, importando 379.757 toneladas (+67,7%) e gerando um faturamento de US\$ 1,043 bilhão (+92,6%). Na sequência figuram o Japão, com 322.232 toneladas (+18,8%) e US\$ 835,61 milhões (+51,1%); os Emirados Árabes Unidos, com 297.414 toneladas (-5,8%) e US\$ 592,22 milhões (-5,7%); a Arábia Saudita, com 288.680 toneladas (+10,8%) e US\$ 697,83 milhões (+10,4%); e a África do Sul, com 236.960 toneladas (+47,9%) e US\$ 135,28 milhões (+29,3%). Completando a lista dos dez principais compradores globais do frango brasileiro estão Países Baixos (176.520 t e US\$ 558,00 milhões), Filipinas (175.423 t e US\$ 149,22 milhões), México (153.957 t e US\$ 338,20 milhões), Coreia do Sul (139.291 t e US\$ 304,73 milhões) e Singapura (102.416 t e US\$ 211,54 milhões).

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Com recorde em volume e avanço na Ásia, exportações de carne suína cresceram 5% em 2026. O setor suinícola brasileiro segue consolidando sua relevância no comércio global. Nos primeiros oito meses de 2026, as exportações do setor movimentaram US\$ 2,420 bilhões, representando

uma alta de 5% em relação aos US\$ 2,304 bilhões registrados no mesmo período de 2025. O grande motor desse crescimento financeiro foi o avanço expressivo na quantidade embarcada, que cresceu 9,2% e alcançou a marca de 1,030 milhão de toneladas negociadas. Esse ganho de ritmo nas vendas externas foi fundamental para neutralizar a queda de 3,8% nos preços médios internacionais, garantindo a rentabilidade das negociações brasileiras.

Analisando isoladamente o mês de agosto de 2026, o Brasil manteve o ritmo aquecido e enviou 128.419 toneladas de carne suína ao exterior — entre produtos in natura e processados. O resultado supera em 8,6% o volume registrado em agosto do ano passado. No entanto, refletindo a pressão de oferta e a dinâmica dos preços mundiais, a receita gerada no mês recuou 1,8%, fechando em US\$ 286,966 milhões. Parte dessa oscilação explica-se pelo recuo de 9,6% no preço médio obtido por tonelada em agosto quando comparado ao mês de julho.

O perfil da pauta exportadora brasileira permanece altamente focado na carne in natura (cortes e carcaças), que representou 88,7% do total embarcado no acumu-



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

lado do ano, com 913.294 toneladas e faturamento de US\$ 2,260 bilhões — altas de 7,3% em volume e 4% em receita. As miudezas suínas responderam por 10,6% dos embarques (108.926 toneladas), enquanto os produtos industrializados corresponderam a 0,8% (7.790 toneladas).

Nos estados, a Região Sul lidera a produção com folga, embora o Centro-Oeste e o Sudeste venham conquistando espaço a passos largos. Santa Catarina mantém o topo do ranking nacional, somando 501.142 toneladas no ano (+2,3%) e receita de US\$ 154,674 milhões no mês de agosto. O Rio Grande do Sul aparece na segunda posição, acumulando 256.298 toneladas (+19,7%), seguido pelo Paraná, em terceiro, com 163.703 toneladas (+10,8%) e faturamento acumulado de US\$ 372,783 milhões. Em agosto, o Paraná se destacou ao crescer 24,2% em volume embarcado. Completando os maiores polos exportadores, Mato Grosso (+33,1%) e Minas Gerais (+30,1%) registraram os maiores crescimentos percentuais do período.

No cenário internacional, o mapa de clientes da proteína brasileira passa por uma reconfiguração estratégica. As Filipinas assumiram a liderança do ranking de

destinos em 2026, comprando 246.367 toneladas (US\$ 547,840 milhões), uma expansão de 11,5% em volume. O grande destaque do ano, contudo, é o Japão, que registrou um salto espetacular de 73,8% nas compras de carne brasileira, somando 127.155 toneladas e gerando US\$ 426,571 milhões. Essa forte expansão em mercados exigentes compensou a redução da demanda da China (-25,1%) e de Hong Kong (-16,3%). O Chile se mantém como 4º principal parceiro, com 82.080 toneladas, seguido de perto por outros mercados em crescimento contínuo, como Singapura, Argentina, México, Uruguai e Vietnã.

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Nos primeiros oito meses de 2026, as exportações brasileiras de mel in natura atingiram 25.077 toneladas, de acordo com dados compilados pela Agrostat Brasil. O volume representa uma leve retração de 3,2% em relação ao mesmo período de 2025, quando foram embarcadas 25.905 toneladas.

Em contrapartida, o desempenho financeiro registrou avanço: a receita cambial totalizou US\$ 88,688 milhões, o que equivale a um crescimento de 2,8% em



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

comparação aos US\$ 86,244 milhões obtidos no ano anterior. Essa valorização decorre do aumento do preço médio nacional do produto, que alcançou US\$ 3.536,62 por tonelada (ou US\$ 3,54 por quilo), registrando uma alta de 6,2% frente à média de US\$ 3.329,24 por tonelada (US\$ 3,33 por quilo) praticada em igual período de 2025.

No mapeamento por unidades federativas, Santa Catarina mantém a liderança isolada nas vendas externas de mel. O estado acumulou US\$ 27,187 milhões em faturamento com o embarque de 7.622 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,57 por quilo. O resultado demonstra forte recuperação frente ao mesmo intervalo de 2025, quando Santa Catarina registrou US\$ 11,622 milhões de receita, 4.478 toneladas em volume e preço médio de US\$ 3,34 por quilo, o que se traduz em disparadas expressivas de 119,1% em volume e de 133,9% em receita.

A segunda colocação no ranking nacional passou a ser ocupada por Minas Gerais, que obteve US\$ 15,829 milhões em receita e embarcou 4.378 toneladas, com preço médio de US\$ 3,62 por quilo. Apesar de alcançar a cotação média mais elevada entre os líderes, o estado mineiro recuou em relação a 2025, quando havia faturado

US\$ 18,274 milhões sobre um volume de 5.460 toneladas a US\$ 3,35 por quilo, apresentando quedas de 19,8% no volume embarcado e de 13,3% na receita.

O Paraná assumiu a terceira posição nacional ao acumular US\$ 12,401 milhões em receita cambial e 3.509 toneladas exportadas, registrando um preço médio de US\$ 3.533,94 por tonelada, o que representa uma valorização de 7,4%. Em comparação com o ano anterior, os paranaenses enfrentaram uma retração de 25,3% no volume embarcado e de 19,8% na receita, visto que em igual período de 2025 haviam registrado 4.700 toneladas e US\$ 15,470 milhões, com preço médio de US\$ 3,29 por quilo.

Completando o grupo dos cinco maiores exportadores, o Piauí figurou em quarto lugar, acumulando 3.119 toneladas e US\$ 10,736 milhões, o que refletiu quedas de 45,8% em volume e de 43,6% em receita. Já São Paulo ocupou a quinta posição ao somar 2.356 toneladas e US\$ 8,116 milhões, impulsionado por altas expressivas de 22,7% no volume e de 35,4% na receita cambial. Outros estados também apresentaram contribuição relevante nas remessas ao exterior entre janeiro e agosto de 2026, com destaque para o Rio Grande



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

do Sul (1.199 toneladas e US\$ 4,121 milhões), Ceará (1.043 toneladas e US\$ 3,773 milhões), Bahia (855 toneladas e US\$ 3,040 milhões) e Maranhão (607 toneladas e US\$ 2,129 milhões).

No que tange aos mercados compradores, os Estados Unidos permanecem como o destino primário das exportações brasileiras de mel, absorvendo 69,5% de todo o volume comercializado pelo país. Ao todo, os norte-americanos adquiriram 17.441 toneladas no período, movimentando US\$ 61,953 milhões a um preço médio de US\$ 3,55 por quilo.

O resultado acumulado nos oito meses de 2026, contudo, mostra retração frente ao mesmo período de 2025, quando os EUA haviam importado 22.191 toneladas e desembolsado US\$ 73,695 milhões a US\$ 3,32 por quilo, o que significa quedas de 21,4% em volume e de 15,9% na receita. Por outro lado, a valorização da tonelada do mel vendido aos EUA, que subiu 7% de US\$ 3.320,96 para US\$ 3.552,13, atuou como um importante amortecedor para as margens brasileiras.

A menor aquisição pontual pelo mercado norte-americano acabou sendo compensada pelo crescimento expressivo em outros parceiros tradicionais e pela abertura

de novas frentes comerciais. Entre os importadores estabelecidos, destacaram-se o Canadá, que adquiriu 2.950 toneladas por US\$ 10,245 milhões (altas de 59,3% em volume e 66,3% em receita), a Alemanha, com 2.690 toneladas e US\$ 9,872 milhões (avanços impressionantes de 249,4% em volume e 269,1% em receita), e o Reino Unido, que comprou 1.039 toneladas movimentando US\$ 3,602 milhões (alta de 81,1% em volume).

Adicionalmente, mercados emergentes para o produto brasileiro garantiram fôlego às vendas, a exemplo das Filipinas (116 toneladas e US\$ 417.053), Polônia (124 toneladas e US\$ 292.384), Áustria (39,9 toneladas e US\$ 134.515), Portugal (162 toneladas e US\$ 429.398, representando disparadas de 740,3% em volume e 222,6% em receita) e Países Baixos (146 toneladas e US\$ 547.707).

As relações comerciais com o mercado norte-americano foram marcadas por grande volatilidade ao longo do ano. Em 20 de fevereiro de 2026, a Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou a tarifa recíproca de 50% instituída na gestão Donald Trump. Com isso, o mel brasileiro deixou a alíquota punitiva e retornou à tarifa geral em torno de 10%, aliviando os exportadores.



Boletim Conjuntural Semana 42/2026 – 15 de outubro de 2026

A resposta do mercado foi imediata nos dados de junho de 2026, quando os EUA importaram 5.550 toneladas de mel (US\$ 20,082 milhões), superando expressivamente as 3.588 toneladas e US\$ 12,058 milhões registrados em junho do ano anterior - aumentos de 55,1% em volume, 66,5% em receita e de 7,4% no preço médio por tonelada, que subiu de US\$ 3.370,02 para US\$ 3.618,31.

Entretanto, em 16 de julho, os Estados Unidos confirmaram a aplicação de uma nova tarifa adicional de 25% sobre diversos produtos brasileiros com base na Seção 301 da Lei de Comércio americana, com vigência a partir de 22 de julho. Felizmente para o setor apícola, o mel orgânico e produtos agropecuários foram mantidos em uma lista de exceções com mais de 2.100 itens preservados da sobretaxa.

Mesmo sem o impacto tarifário direto, o comércio sofreu nova desaceleração pontual em agosto de 2026, mês em que os EUA importaram apenas 676 toneladas por US\$ 2,41 milhões, contra 2.941 toneladas e US\$ 10,675 milhões no mesmo mês de 2025, representando quedas de 77,7% em volume e de 76,8% em receita, embora o custo médio por tonelada tenha mantido

viés positivo de alta (+1,5%), cotado a US\$ 3.670,14.

Paralelamente aos desdobramentos nos EUA e às instabilidades decorrentes da guerra no Oriente Médio, o setor enfrentou um desafio regulatório significativo com a União Europeia. Em 12 de maio de 2026, o Brasil recebeu com surpresa a notícia de sua exclusão da lista de países autorizados a exportar produtos de origem animal para consumo humano ao bloco europeu, medida válida a partir de 3 de setembro do mesmo ano e que alcançou carnes, pescados, mel e tripas.

Contudo, o cenário teve uma reviravolta favorável em 28 de setembro de 2026, quando a Comissão Europeia divulgou relatório de auditoria técnica atestando a plena conformidade dos controles sanitários na apicultura e na avicultura brasileiras. O relatório abre caminho para o fim do embargo, cuja liberação formal depende de votação agendada no comitê regulador europeu (Scopaff) para os dias 20 e 21 de outubro de 2026.